



CARTA DO GESTOR

Abril/2023

Comentário Macroeconômico

Durante o mês de abril, as preocupações com o mercado bancário norte-americano foram diminuindo, à medida que ficava claro que os eventos ocorridos em março estavam mais relacionados a problemas idiossincráticos de alguns bancos regionais do que ao sistema como um todo. No entanto, a crise de mais um banco no final do mês, o First Republic Bank, reacendeu o debate. De forma mais rápida do que ocorreu com o SVB e com o Signature Bank, a constatação de que também o First Republic passava por problemas internos esvaziou as preocupações de um problema sistêmico, como foi a reação inicial. Porém, o acontecimento sinaliza para o que deve voltar a acontecer nos próximos meses: o receio do ciclo de alta de juros deixa no ar a sensação de alguma crise prestes a estourar. Mas, é preciso separar o que é ruído do que é tendência. Muito se tem discutido sobre o aperto de crédito, não só nos países desenvolvidos, mas também aqui no Brasil. A intenção dos Bancos Centrais ao subir juros é justamente provocar uma contração monetária, desaquecendo a atividade para interromper o ciclo inflacionário, e a desaceleração observada no momento parece estar dentro do projetado, segundo os próprios *policy makers*. Nesse processo, as empresas que estiverem menos preparadas irão sofrer mais, pois os problemas que conseguiam ficar “debaixo do tapete” nos anos de elevada liquidez, cobram seu preço nesse ambiente mais adverso. A corrida vai ser sempre para entender se, de fato, são casos isolados ou se sinalizam algum problema sistêmico, o que não parece ser o caso por ora.

Nos Estados Unidos, os dados de atividade continuam indicando uma economia bastante resiliente. O PIB do primeiro trimestre mostrou não só o crescimento da economia como um todo, mas também a aceleração do consumo, em um cenário de inflação elevada. Como isso é possível, mesmo após o a alta elevação da taxa de juros determinada pelo Fed e a reabertura com o fim da Covid? Além do estoque de liquidez que ainda existe na economia desde 2020, o mercado de trabalho apertado e, principalmente, o elevado gasto fiscal têm amortizado o impacto da política monetária na decisão de compra das pessoas. De fato, a questão fiscal deve ganhar cada vez mais atenção nos noticiários, à medida que aumenta a preocupação com o *debt ceiling*, isto é, com a possibilidade de que o governo norte-americano não consiga pagar as dívidas por causa do elevado nível de gastos. O foco no momento está nas negociações entre democratas e republicanos na corrida contra o tempo até o *x day*, quando o governo não teria mais caixa para honrar seus compromissos, o que é estimado para ocorrer entre julho e agosto. Por fim, no âmbito da política monetária, as sinalizações recentes

do Fed apontam que o fim do ciclo de alta de juros está próximo. Mesmo com a atividade resiliente, a elevada quantidade de altas já concebidas, a estabilização da inflação, embora permaneça na casa dos 5%, e a perspectiva de uma desaceleração no mercado de crédito, decorrente das incertezas do setor, devem ser suficientes para deixar os diretores confortáveis com uma pausa a partir de meados do ano.

No Brasil, o destaque durante o último mês ficou com os dados de atividade, em especial do mercado de trabalho, com o Caged e a Pnad apresentando uma forte melhora na margem. Boa parte da resiliência da atividade pode ser explicada no exterior: a supersafra começa a se refletir nas contas externas, mostrando a balança comercial no maior patamar da série histórica no acumulado de doze meses, impulsionada pelas exportações de soja, gerando grande quantidade de recursos para o país. Os superávits comerciais, somados ao elevado diferencial de juros, ajudam a explicar a resiliência do real, mesmo em um ambiente com o cenário político bastante ruidoso. Além disso, a expectativa do Fed de pausar altas em breve deve gerar um enfraquecimento do dólar no nível global, o que também melhora as perspectivas sobre a nossa moeda, que voltou a operar na casa dos 5 reais/dólar no final do mês. Se, no âmbito do Fed, discute-se a pausa, no Brasil o debate acerca do início de ciclo de corte se intensificou, com as últimas leituras de inflação abaixo das projeções de mercado e com o alívio do câmbio e dos preços das *commodities*. Ainda que, no momento, as expectativas de inflação de longo prazo estacionadas em 4%, como mostra o Focus, impeçam o BC de determinar a queda de juros, acreditamos que, ao longo do segundo semestre, o Copom conseguirá respaldo nos dados para iniciar o ciclo de corte de juros. Após o Brasil iniciar o movimento de aumento de juros em 2020, liderar o de pausa em 2022, o BC deve ser o primeiro a começar o ciclo de cortes, tendência que vai se disseminar ao longo do ano, primeiro entre os emergentes e somente depois entre os desenvolvidos. No cenário local, o início do ciclo de corte deve gerar alívio na Bolsa, que se encontra atualmente muito barata em termos de *valuation*. Ainda, se compararmos aos fundamentos da economia e à baixa alocação nessa classe de ativo, considerando a média histórica, a expectativa é que mercado está esperando um *trigger* para a correção dos preços, que deve vir do político e/ou da política monetária.

Ações

Estratégia *Long Only*

Em abril, o Fundo Vinci Mosaico obteve um retorno de 1,75% *vs.* 2,50% do Ibovespa. No ano, acumula um retorno de -4,66% *vs.* -4,83%. Como destaque positivo, podemos mencionar o bom desempenho de uma das nossas investidas no setor de Bancos. A redução exacerbada das atividades nos mercados de capitais, fruto da recuperação judicial da Americanas em janeiro, afetou as estimativas de resultados da área de bancos de investimentos, bem como preocupou os observadores diante de um possível aumento da inadimplência das pessoas jurídicas. Esse cenário permaneceu inalterado em abril, mas o mercado ajustou um movimento que havia sido exagerado em março, levando a uma recuperação na performance da ação.

Em contrapartida, a nossa investida no setor de mineração teve uma queda significativa, resultante de dois fatores: (1) a piora da avaliação sobre a atividade econômica chinesa, que levou o preço do minério a cair -18% no período (atingindo \$102/ton.); (2) e o fraco resultado apresentado pela companhia no primeiro trimestre de 2023, fruto de um menor volume de vendas e de um custo mais elevado. Para o restante do ano, espera-se uma recuperação no desempenho operacional.

A carteira expressa a nossa visão positiva para a Bolsa a médio e longo prazo, refletindo os *valuations* atrativos da Bolsa brasileira, que está em um dos patamares mais descontados dos últimos anos. Investimos em uma seleção de empresas bem administradas e rentáveis, que negociam com desconto em relação ao seu preço justo. Além disso, nosso portfólio é bem diversificado entre setores e companhias.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores de Bancos, Energia Elétrica, e Petróleo e Gás.

Estratégia Dividendos

Em abril, o Fundo Vinci Gas Dividendos obteve um retorno de 3,22% *vs.* 2,50% do Ibovespa. No ano, acumula um retorno de -3,76% *vs.* -4,83%. Como destaque positivo, podemos mencionar o bom desempenho de uma das nossas investidas no setor de Petróleo e Gás. Ao longo do mês, consolidou-se a percepção de que o

dividendo anunciado pela companhia seria aprovado e a de que o dividendo adicional também seria pago. Além disso, o cenário controlado para o preço do petróleo e para a taxa de câmbio não exigiu grandes movimentos de preço, diminuindo, assim, as preocupações com a política de preços da companhia. Tais fatores levaram a apreciação da ação ao longo do mês, refletindo o seu extremamente descontado.

Em contrapartida, a nossa investida no setor de Mineração teve uma queda significativa, fruto de dois fatores: (1) a piora da avaliação sobre a atividade econômica chinesa, que levou o preço do minério a cair -18% no período (atingindo \$102/ton.), (2) e o fraco resultado apresentado pela companhia no primeiro semestre de 2023, fruto de um menor volume de vendas e um custo mais elevado, foram os destaques negativos do resultado. Para o restante do ano, é de se esperar uma recuperação no desempenho operacional.

Posicionamento

Vemos o mundo elevando os juros, a fim de combater a inflação decorrente dos conflitos geopolíticos e da retomada das economias. No Brasil, acreditamos que o mercado de ações apresenta um prêmio alto, refletindo o ajuste do cenário internacional e as primeiras medidas econômicas do novo governo.

Atualmente, nossas maiores exposições estão nos setores defensivos, tais como Bancos, Elétrico e Mineração.

Estratégia Total Return

Em abril, o Fundo Vinci Total Return apresentou um retorno de 3,9% *vs.* 1,1% do IPCA + *yield* IMA-B. No acumulado do ano, o retorno foi de 1,2% contra 4,7% do *benchmark*.

O mês iniciou com os desdobramentos da reação do mercado à apresentação do arcabouço fiscal, o qual foi visto com um viés levemente negativo, com discussões acerca de possíveis fontes de arrecadação para atingir as metas propostas no novo arcabouço. No meio de abril, o IPCA chegou ao seu menor patamar do acumulado dos últimos doze meses, aumentando a expectativa de corte de juros ao longo do segundo semestre de 2023. Com isso, a Bolsa fechou o mês com alta

de 2,5%. O cenário internacional foi marcado pelos problemas nos bancos americanos, gerando volatilidade nos mercados internacionais.

Em abril, as contribuições positivas vieram, principalmente, de posições de instituições financeiras como Cielo e B3 e da posição vendida em Assaí. Em contrapartida, as contribuições negativas foram marcadas pela nossa posição comprada em volatilidade da Bolsa americana e pela posição comprada em China.

Durante o mês, mantivemos a exposição do Fundo ainda abaixo do patamar histórico, mas levemente superior à média do mês de março. Atualmente, focamos em empresas desalavancadas, com baixa elasticidade ao PIB, capacidade de repasse de preço e múltiplos atrativos. Apesar do cenário político e macro turbulento, o preço dos ativos nos tem levado a um aumento gradual do risco, considerando, também, a possibilidade de uma queda nos juros mais próxima do que a prevista, anteriormente, pelo mercado.

Multimercado

Vinci Atlas

O mês de abril foi marcado pelas discussões em torno do arcabouço fiscal. O governo está focado na arrecadação, e a dúvida que paira, dada às dificuldades em retirar subsídios e aumentar a carga tributária, é quem vai pagar a conta.

Em relação à inflação, continuamos observando um processo de desinflação, principalmente nos itens ligados a commodities em real. A divulgação do pacote fiscal elimina o risco de a relação entre dívida e PIB explodir, o que exerce pressão política no BC para iniciar o processo de queda de juros. Por outro lado, a inflação de serviços continua pressionada, com atividade e emprego ainda bem resilientes, colocando a autoridade monetária em situação complicada.

No mercado internacional, os efeitos da crise bancária nos EUA continuam repercutindo e vêm pressionando os Bancos Centrais, que necessitam combater as tendências inflacionárias, com o mercado de trabalho sem mostrar desaquecimento, mas com o risco de um aperto de crédito, que pode levar as economias à recessão.

No mês, o Fundo rendeu +0,61%, fruto de perdas nas posições de moedas, no *book* de juros locais e internacionais e ganhos nas posições de renda variável, além dos

custos e aplicações do caixa.

A curva de juros já precifica cortes na Selic a partir de agosto, o que acreditamos ser o cenário-base, considerando-se o atual cenário inflacionário e a divulgação do novo arcabouço fiscal. Iniciamos, assim, uma posição aplicada na parte intermediária da curva de juros locais e tomada na ponta longa. Mantivemos a posição comprada em NTN-B 2025 e 2050 e continuamos com operações táticas no BRL. Em moedas, ainda temos uma posição comprada em MXNBRL e em EURUSD. Em relação aos juros internacionais, estamos com posições tomadas na ponta curta, por acreditarmos que há cortes excessivos precificados na curva. Em renda variável, estamos com o risco bem reduzido, pois as discussões sobre tributação deixam o cenário incerto para as empresas locais.

Vinci Valorem

O Fundo Vinci Valorem ganhou aplicado em juro real, principalmente, em vértices mais longos. Por outro lado, apresentou pequenas perdas em moedas (comprado em real e aplicado no cupom cambial) e nos juros nominais (com posições compradas em inclinação e aplicadas em vértices curtos).

Chama atenção as quebras de bancos regionais nos EUA e o fato que, após o início da normalização monetária, dado seu “lag” de efeito na economia, a inflação tenha se mostrado levemente positiva em um curto intervalo de tempo. Lembrando que o Reino Unido, que iniciou sua normalização antes dos EUA, também passou por crises nos mercados financeiros relacionadas com as quebras de Fundos de pensão.

Destaque também para a queda nos preços das principais commodities, tanto metálicas quanto agrícolas, e, mais recentemente, energéticas, com o preço do petróleo caindo de forma intensa mesmo após cortes na produção dos países da Opep. Se, por um lado, esse quadro contribui para a queda da inflação no médio prazo, por outro, influencia negativamente a parte fiscal (arrecadação) e as moedas dos países produtores (termos de troca). Ocorre, assim, um aparente descasamento entre a demanda por commodities e os índices de atividade das principais economias.

Posicionamento

As posições em juros foram aumentadas ao longo do mês. Dessa forma, o Fundo

segue vendido em inflação implícita curta, aplicado no juro nominal curto, comprado em inclinação de curva de juros nominais e aplicado em juro real de vértices mais longos. No livro de moedas, permanece levemente comprado em real e aplicado no FRA de cupom cambial curto.

Dados de crédito mostram desaceleração na Zona do Euro, EUA e Brasil, juntamente com queda nos preços de commodities (principalmente as energéticas), e recorde das safras de soja e milho no Brasil, justificando as posições aplicadas em juros nominais e vendidas em inflação.

Vinci Reflation

Nossa estratégia de manter o risco baixo tem-se provado correta. Com dados econômicos sólidos, uma expectativa de *credit crunch* e o receio do Fed de continuar o processo de aperto, o mercado tem trabalhado com alta volatilidade e pouca direcionalidade.

A curva de juros fechou abril com uma expectativa de corte de 60bps até o final do ano (já considerando o *hike* de 25bps em maio). Muito vem se debatendo sobre esses cortes. Quando observamos a volatilidade implícita nas opções de juros, constatamos que o mercado está, na verdade, bastante incerto com futuro – como se o mercado estivesse atribuindo alta probabilidade de uma quantidade significativa de cortes (digamos 200bps) e, ao mesmo tempo, uma probabilidade ainda alta de manutenção e/ou mais *hikes*.

Nesta situação, é de se esperar que, à medida que tenhamos mais dados econômicos, seja possível uma maior definição do caminho futuro junto com uma redução de volatilidade.

É neste momento que esperamos ter uma boa oportunidade. Se os dados econômicos divulgados em junho, referentes ao mês de maio, continuarem indicando solidez no mercado de trabalho e no consumo das famílias, deve haver uma reprecificação significativa da curva de juros, reduzindo expressivamente o risco de uma recessão no H2 2023. Vemos o mercado com bastante assimetria para este cenário, mas vale ressaltar que ainda há riscos de mais corridas bancárias, uma ofensiva mais contundente na Ucrânia e uma escalada na Guerra Fria comercial entre os EUA e aliados contra a China durante a reunião do G7 em maio. Caso esses eventos se materializem ou os dados econômicos entre junho e

julho indiquem maior desaceleração, teremos que considerar que nossa estratégia se aproxima do fim.

O resultado de abril foi -4bps, colocando a performance do ano em -52bps e a acumulada desde seu início em +22.25%, líquido de taxas e custos.

A Estratégia Reflation foi iniciada com o Reflation Fund Segregated Portfolio, veículo constituído em Cayman ("Master"). Para possibilitar a participação de investidores brasileiros na Estratégia, foi constituído o fundo brasileiro Vinci Reflation FIM CP IE, que atua na estrutura Master-Feeder e que teve início em 27 de outubro de 2021.

Vinci Auguri

No mês de abril, o Vinci Auguri FIC FIM teve um rendimento positivo de 1,12%, equivalente a 122,1% do CDI e, no ano, acumula um retorno positivo de 2,87% contra um CDI de 4,25%.

Durante o mês, mantivemos uma posição de Long&Short Neutra, ainda refletindo nosso cenário de cautela devido às incertezas tanto no mercado doméstico quanto no internacional.

Dentre as posições que performaram positivamente no portfólio, podemos destacar os setores de Logística, Indústria e Serviços Financeiros. Os setores de Mineração e Tecnologia foram os detratores de rentabilidade.

Nosso posicionamento para o mês de maio continua conservador pelas questões internas, como as discussões para a aprovação do arcabouço fiscal no Congresso Nacional, e pelas questões externas, como as preocupações com o mercado bancário norte-americano.

Estamos monitorando esse cenário e, à medida que for evoluindo, estamos prontos para iniciar o aumento de risco nas posições do Fundo.

Continuamos com maior exposição nos setores de Indústria, Serviços Financeiros e Petróleo/Açúcar.

Previdência

O Fundo Vinci Equilíbrio Previdência ganhou aplicado em juro real, posição de "trade relativo", comprado em ETF de empresas de menor capitalização e vendido

em outras de maior capitalização. Por outro lado, perdeu em moedas (comprado em real e aplicado no cupom cambial e em juros nominais curtos).

Chama atenção as quebras de bancos nos EUA e o fato que, após o início da normalização monetária, dado seu *lag* de efeito na economia, a inflação tenha se mostrado levemente positiva em um curto intervalo de tempo. Lembrando que o Reino Unido, que iniciou sua normalização antes dos EUA, também passou por crises nos mercados financeiros, relacionadas com as quebras de Fundos de pensão.

Destaque também para a queda nos preços das principais commodities, tanto metálicas, quanto agrícolas, e, mais recentemente, de energia, com o preço do petróleo caindo de forma intensa mesmo após cortes na produção dos países da Opep. Se, por um lado, isso contribui para a queda da inflação no médio prazo, por outro, influencia negativamente a parte fiscal (arrecadação) e as moedas dos países produtores (termos de troca).

Está ocorrendo um aparente descasamento entre a demanda por commodities e os índices de atividade das principais economias.

As posições em juros foram aumentadas ao longo do mês. Dessa forma, o Fundo segue vendido em inflação implícita curta, aplicado no juro nominal curto, comprado em inclinação de curva de juros nominais e comprado em NTN-B longa.

No livro de moedas, permanece levemente comprado em real e aplicado no FRA de cupom cambial curto.

Na renda variável, possui um *long and short*, comprado em SMAL11 e vendido em BOVA11, com o direcional zerado em Bolsa local. No S&P, possui posição vendida por meio de opções.

Dados de crédito mostram desaceleração na Zona do Euro, EUA e Brasil, juntamente com queda nos preços de commodities (principalmente as energéticas) e recorde de safra de soja e milho no Brasil, que justificam as posições aplicadas em juros nominais e vendidas em inflação.

Crédito

O Fundo rendeu 0,99% no mês, equivalente a 108% do CDI. O portfólio continua bem diversificado, sendo uma combinação de cotas seniores de FIDC indexadas ao CDI e operações de desconto de recebíveis da cadeia de fornecedores de grandes empresas com prazos curtos e natureza revolvente.

Nesse cenário de alta de juros, as cotas de FIDCs em carteira têm apresentado retornos crescentes, mantendo um padrão de risco baixo. Continuamos alocando o caixa do Fundo em cotas seniores de FIDCs de diferentes lastros e emissores com alto grau de subordinação e baixo risco de crédito com taxas que variam entre CDI + 3% a 5% a.a.

Em geral, Fundos na faixa de prazo como do VCE (59 dc) tendem a oferecer aos investidores uma proteção adicional em comparação àqueles sem carência, dado que tendem a absorver melhor os possíveis impactos negativos de uma venda de papéis no secundário para honrar resgates acima do previsto.

No fechamento do mês, cerca de 34% do Fundo estava em um portfólio de cotas seniores de FIDCs abertos com resgate entre D+30-90 e altos percentuais de subordinação, 43% em um portfólio diversificado de cotas de FIDCs, 12% em FIDCs Cadeia de Fornecedores, que realizam desconto de duplicatas performadas e confirmadas junto a empresas de grande porte e baixo risco de crédito, e 11% em caixa e liquidez. Possuímos, atualmente, 62 diferentes emissores de FIDCs, com uma média de 1,5% do PL cada.

Dado o perfil de baixa volatilidade e alta qualidade de crédito, acreditamos que o VCE seja uma excelente alternativa para investir com 59 dc de prazo de resgate na parcela dedicada a crédito, apresentando retorno líquido de 15,18%, equivalente a CDI+1,35% a.a. ou 113% do CDI em 12M.



ESTE RELATÓRIO DESTINA-SE EXCLUSIVAMENTE AO SEU DESTINATÁRIO E NÃO DEVE SER REPASSADO A TERCEIROS SEM O PRÉVIO E EXPRESSO CONSENTIMENTO DA VINCI PARTNERS OU QUALQUER UMA DE SUAS AFILIADAS ("Vinci"). O presente material tem caráter meramente informativo, não foi auditado e é para uso exclusivo de seu destinatário, cliente da Vinci. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci. As informações contidas neste documento são materialmente precisas até a data a que o relatório se refere. Este material não pretende ser completo, nem a Vinci assume nenhum compromisso de atualizar as informações aqui contidas. Este documento constitui uma opinião dos analistas e gestores da Vinci, mas não deve ser interpretado como uma recomendação, legal ou de qualquer outra natureza, por parte da Vinci, e não leva em consideração a situação particular de qualquer pessoa. Quaisquer projeções, avaliações de conjuntura ou estimativas de mercado indicadas neste relatório são baseadas em certas premissas, refletem as visões dos analistas e gestores da Vinci e não foram verificadas de forma independente e, portanto, não devem ser interpretadas como um indicativo dos eventos reais que ocorrerão. Outros eventos que não foram levados em consideração podem ocorrer e exercer impacto significativo no mercado. Os analistas e gestores da Vinci usam informações de fontes conhecidas por sua confiabilidade e boa-fé, mas isto não representa nem endossa a precisão ou confiabilidade de nenhuma dessas informações e a Vinci não se responsabiliza pelo teor dessas informações. A utilização das informações aqui contidas se dará exclusivamente por conta e risco de seu usuário. Antes de tomar qualquer decisão acerca de seus investimentos, a Vinci recomenda ao interessado que consulte seu próprio assessor.

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci GAS Dividendos FIA	11,5913	3,22%	-3,76%	-2,05%	458.687.329	510.084.174,60	19/09/05	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Mosaico Institucional FIA*	6,0363	1,89%	-4,92%	-9,89%	689.245.560	837.630.533,31	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Selection Equities FIA	254,1639	1,83%	-5,99%	-7,06%	487.310.997	518.643.864,49	01/11/12	1,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Fatorial Dinâmico FIA	2,3819	2,77%	-4,97%	-11,48%	123.831.182	135.861.508,48	30/12/15	1,04%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Mosaico FIA*	6,0049	1,75%	-4,66%	-9,99%	111.789.098	137.483.023,29	14/11/17	2,00%a.a.	20%	Ibovespa
Vinci Seleção FIA	333,4768	3,00%	-4,15%	-3,68%	64.325.753	79.338.695,12	31/03/11	3,00%a.a.	não há	-
Vinci Selection Long Biased FIM	128,8860	0,23%	-3,12%	17,66%	16.425.580	5.616.444,83	30/12/20	1,10%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B
Vinci Total Return FIC FIM	153,6929	3,94%	1,20%	0,56%	205.738.169	231.872.821,26	27/12/19	1,55%a.a.	20%	IPCA + YIELD IMA-B

*Este Fundo foi originado da cota do Mosaico FIA (08.845.635/0001-00) ocorrida em 14/11/17. A rentabilidade anterior a esta data corresponde à rentabilidade do Fundo Mosaico FIA, com data de início em 12/07/2010.

Multimercado

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Atlas FIC FIM	154,1813	0,61%	1,70%	4,13%	292.676.731	350.487.558,13	08/08/16	2,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Valorem FIM	273,8579	0,76%	4,96%	8,63%	1.618.060.734	1.863.849.831,59	21/08/12	1,00%a.a.	20%	IMAB-5
Vinci Internacional FIC FIM	268,1905	-0,73%	-2,27%	2,90%	109.680.008	123.497.597,78	31/03/14	1,00%a.a.	10%	US TREASURY BILL 3M+2% a.a.
Vinci Selection FIC FIM	230,5338	0,67%	1,71%	9,30%	70.865.062	79.264.132,07	31/10/12	1,00%a.a.	10%	CDI
Vinci Multiestratégia FIM	287,7358	0,88%	4,23%	12,41%	353.180.977	461.954.587,47	31/03/11	1,00%a.a.	20%	CDI
Vinci Reflation FIM CP IE	1,2240	0,01%	2,02%	12,48%	6.422.345	6.762.031,67	27/10/21	1,50%a.a.	não há	-
Vinci Retorno Real FIM	131,6034	0,70%	5,87%	9,45%	181.229.351	165.531.181,63	30/12/20	2,00%a.a.	20%	IMAB

Previdência

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM	211,8289	0,49%	3,90%	6,58%	81.424.036	85.027.065,24	30/12/14	2,00%a.a.	não há	-
Vinci Equilíbrio Icatu Previdência FIC FIM II	1,8052	0,49%	3,91%	6,61%	320.639.716	365.903.777,19	11/04/16	2,00%a.a.	não há	-

Crédito

Fundo	Cota Líq.	% mês	% ano	% 12 meses	PL (R\$)	PL Médio (12 meses)	Início	Tx. Adm	Tx. Perf.	Ind. Perf.
Vinci Crédito Estruturado Multiestratégia Plus FIC FIM - CP**	228,4720	0,99%	2,64%	12,67%	123.358.728	124.203.995,34	08/09/14	1,25%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Seleção FIC**	204,4677	0,99%	4,63%	15,12%	136.997.834	132.295.747,94	18/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI
Vinci Crédito Estruturado Selection Advisory FI FIM**	204,5744	1,00%	4,63%	15,13%	110.488.687	86.601.725,30	17/06/15	1,20%a.a.	20%	100% CDI

**Rentabilidades dos fundos em relação ao %CDI

Índices

Indexador	% mês	% ano	% 12 meses
CDI	0,92%	4,20%	13,37%
Ibovespa (R\$)	2,50%	-4,83%	-3,19%
IMA-B	2,02%	6,08%	8,78%
Dólar (PTAX)	-1,57%	-4,16%	1,66%

Administrador: BEM DTVM Ltda. (desde 17/05/10 para os fundos Vinci GAS Lotus, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) * Gestora Fundos de Ações: Vinci Equities Gestora de Recursos Ltda. (desde 26/04/10 para os fundos Vinci GAS Lotus, Vinci GAS Dividendos e Vinci GAS Flash) * Todos os Fundos destinam-se a investidores qualificados, com exceção dos fundos Vinci GAS Flash, Vinci Gas Dividendos, Vinci Selection Equities e Vinci Fatorial Dinâmico que destinam-se a investidores em geral e do fundo Vinci Gas Valor SMLL que destina-se a entes públicos. * O Vinci GAS Lotus, Vinci Mosaico e Vinci GAS Dividendos possuem taxa de saída de 5% sobre o valor do resgate para cotistas que não quiserem cumprir o prazo de 30 dias para cotização do resgate.

O presente documento tem caráter meramente informativo e é para uso exclusivo de seu destinatário. As informações contidas neste documento são confidenciais e não devem ser divulgadas a terceiros sem o prévio e expresso consentimento da Vinci Partners ou qualquer uma de suas afiliadas ("Vinci"). Este relatório não constitui o extrato mensal oficial de seus investimentos no fundo de investimento a que se refere ("Fundo"). No caso de divergência entre as informações contidas neste relatório e aquelas contidas no extrato mensal emitido pelo administrador do Fundo, as informações contidas no referido extrato mensal prevalecerão sobre as informações deste relatório. As eventuais divergências podem ocorrer devido à adoção de métodos diversos de cálculo e apresentação. O valor do patrimônio líquido de cada fundo contido neste relatório é líquido das despesas do fundo (i.e. honorários, comissões e impostos). A rentabilidade do fundo divulgada neste relatório não é líquida de impostos e nem de taxa de saída. Os valores ora atribuídos aos ativos do fundo são estimados de acordo com a precificação realizada pelo administrador. Os preços ora utilizados são, no mínimo, do dia anterior e não representam valores atualizados de mercado. Para avaliação da performance de quaisquer fundos de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Os fundos das classes "ações" e "multimercado com renda variável" podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Os fundos de crédito privado estão sujeitos ao risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração, falência e recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo. As comparações a certos índices de mercado foram incluídas para referência apenas e não representam garantia de retorno pela Vinci. Os resultados obtidos no passado não representam garantia de resultados futuros e não contam com garantia da Vinci, de qualquer de suas afiliadas, do administrador, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Para fundos que perseguem a manutenção de uma carteira de longo prazo, não há garantia de que o fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. A partir de 02/05/2008, todos os fundos de investimento que utilizam ativos de renda variável em suas carteiras deixam de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passam a fazê-lo com base na cotação de fechamento destes ativos. Desta forma comparações de rentabilidade destes fundos com índices de ações devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média destes índices e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento do Fundo, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, ao aplicar seus recursos. Investimentos implicam na exposição a riscos, inclusive na possibilidade de perda total do investimento. Ouvidoria - De segunda a sexta-feira, exceto feriados, das 8h às 18h (horário de Brasília): 0800-725-5512, ouvidoria@vincipartners.com.

Relacionamento com Cliente

Alocadores e Distribuidores

Rio de Janeiro

Ronaldo Boruchovitch
21 2159-6271
rboruchovitch@vincipartners.com

São Paulo

Felipe Abenza
11 3572-3972
fabenza@vincipartners.com

Carolina Melchert
11 3572-3974
cmelchert@vincipartners.com

Clientes Institucionais

São Paulo

Marcelo Rabbat
11 3572-3775
mrabbat@vincipartners.com

Alexandre Damasceno
11 3572-3778
adamasceno@vincipartners.com

Alessandro Meneghel
11 3572-3772
ameneghel@vincipartners.com

Marcelo Gengo
11 3572-3774
mgengo@vincipartners.com

Rafael Bordim
11 3572-3779
rbordim@vincipartners.com

Amanda Azevedo
11 3572-3777
aazevedo@vincipartners.com

Empresas

São Paulo

Daniel Figueiredo
11 3572-3771
dfigueiredo@vincipartners.com

Investidores Individuais

Rio de Janeiro

Mariano Figueiredo
21 2159-6180
mfigueiredo@vincipartners.com

Leticia Costa
21 2159-6101
lcosta@vincipartners.com

Caroline Pacheco
21 2159-6104
cpacheco@vincipartners.com

São Paulo

Olavo Tortelli
11 3572-3737
otortelli@vincipartners.com

Natalia Aguiar
11 3572-3858
naguiar@vincipartners.com

Ribeirão Preto

Mariana Biagi
16 2101-4641
mbiagi@vincipartners.com